

Cruzamentos entre o ficcional e o real: A retrospectiva de Carlos Reichenbach no Doclisboa

Guiomar Ramos

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
guiomarramos@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-0161-1500>

RESUMO A partir de uma entrevista com a curadora e chefe de programação do festival e da minha experiência nas áreas da pesquisa cinematográfica e de curadoria, discuto a proposta curatorial da retrospectiva integral da obra de Carlos Reichenbach que integrou a 20.^a edição do Festival Internacional de Cinema Doclisboa (2022).

PALAVRAS-CHAVE Curadoria de cinema; Cinema Marginal; documentário; ficção; Carlos Reichenbach.

A 20.^a edição do Festival Internacional Doclisboa realizou-se entre 6 e 16 de outubro de 2022. O festival contou com uma retrospectiva do importante cineasta brasileiro Carlos Reichenbach (1945-2012). Realizada em parceria com a Cinemateca Portuguesa, a mostra foi integrada na programação oficial do festival e consistiu numa apresentação de 23 obras, entre curtas e longas-metragens de caráter ficcional. Na prática, podemos considerar que a quase totalidade dos 40 anos de atividade do diretor esteve representada nesta retrospectiva primorosa, que consistiu num dos maiores esforços de reunir e divulgar a sua obra, dentro e fora do Brasil.¹ Como primeiro ponto, gostaria de destacar um aspecto curioso: a homenagem a um cineasta de ficção – o diretor possui apenas três curtas-metragens documentais ou híbridos: *Numa rua tão Augusta* (1968), *O m da minha mão* (1979) e *O olhar e a sensação* (1994) – num festival que tem como objetivo declarado

¹ Era prevista a exibição da sua obra completa, mas dois filmes foram enviados com atraso pela Cinemateca Brasileira e não chegaram a Lisboa a tempo da mostra.

difundir o interesse pelo cinema documental em Portugal.² Da mesma forma, creio que poderá ser interessante refletir sobre a relação entre a obra de Reichenbach e o resto da programação do festival, em especial, sobre a sua relação com uma outra grande retrospectiva, “A Questão Colonial”.³ A minha reflexão parte de uma conversa informal que realizei com a curadora e realizadora Joana Sousa, Chefe de Programação do Doclisboa e curadora da Retrospectiva Carlos Reichenbach, assentando na minha própria experiência na área da pesquisa cinematográfica e de curadoria.

Para além da sua dimensão mais técnica, a curadoria consiste numa prática produtora de conhecimento. Na sua acepção mais tradicional, fazer curadoria de arte é o processo de organização, cuidado e montagem de uma exposição artística, formada por um conjunto de obras de um ou de vários artistas a partir de uma seleção prévia. Desde que o cinema se consolidou como uma forma de arte, o termo tem sido empregado para definir o trabalho de organização de mostras e festivais de filmes e é o curador que, ao escolher um filme ou vários filmes para fazer parte de uma mostra ou de um festival, resgata, visibiliza e proporciona novas interpretações àquelas obras que estariam, por assim dizer, esquecidas. Ao longo da minha carreira, particularmente entre os anos de 1995 e 2017 realizei, sozinha ou em parceria, dez curadorias para mostras, festivais e cineclubes que me têm permitido refletir sobre o processo de curadoria de uma forma consolidada.⁴ Da mesma forma, atualmente, coordeno o Cineclube Cinerama, organizado pelos estudantes da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Entre as várias atividades, organizamos encontros semanais, abertos ao público, que consistem na apresentação de um filme seguido de debate. Nesse sentido, vou tentar partir da minha

² Baseio-me nas informações expostas nas páginas de divulgação do festival e da Apordoc – Associação Portuguesa pelo Documentário, responsável pela sua realização. Em ambos os casos, o festival é apresentado como o “mais antigo festival dedicado exclusivamente ao documentário em Portugal”.

³ Para além das duas retrospectivas, a 20.^a edição do Doclisboa contou com as mostras competitivas, composta por filmes enviados por diretores que almejam concorrer no âmbito português ou internacional, e com as seis mostras seguintes: “Verdes Anos”, com obras de realizadores emergentes da Europa; “O Cinema de Urgência”, um espaço dado a obras que falam em nome de comunidades que clamam por um debate urgente; “Da Terra à Lua”, dedicado ao documentário poético; “Heart Beat”, que reuniu documentários sobre o universo da música, e, por fim, a seção “Riscos”, composta por documentários experimentais”.

⁴ Destaco, entre os projetos relevantes para o tema, a curadoria, com Luciana Araújo, da mostra “Cinema Marginal Paulista” (Cinemateca Brasileira, 1996); a curadoria de “O Zé, do Caixão” (Museu da Imagem e do Som, 1999); e a curadoria, com Lucas Murari, Luiz Garcia, Luiz Giban, de “Cinema de Invenção” (Cinemateca do MAM, 2016).

experiência como curadora para conceber esta análise crítica sobre a retrospectiva a Carlos Reichenbach.

Em primeiro lugar, uma boa curadoria em cinema requer um largo conhecimento crítico do material de que trata, mas exige também boas relações com as instituições onde os filmes estão depositados e um trabalho junto aos detentores autorais dos filmes. Na verdade, há toda uma arquitetura para localizar não só os filmes, mas onde estão os detentores de direitos de algumas obras, que podem ser tanto herdeiros, como os próprios realizadores, ou ainda profissionais que estão a gerir o espólio. De acordo com Joana Sousa, a ideia de programar esta retrospectiva partiu do facto da Cinemateca Portuguesa ter realizado uma mostra sobre Cinema Marginal em que se exibiram vários filmes de realizadores da época e da corrente, inclusivamente de Reichenbach, numa colaboração da Cinemateca Portuguesa com a Cinemateca Brasileira e com Eugénio Puppó, da ECO produções.⁵ Nessa altura, a equipa de programação do festival ficou com vontade de trabalhar com mais alguns autores e, entretanto, surgiu a ideia de trabalhar apenas a filmografia de Reichenbach.

Na mesma conversa, Sousa enfatiza o pertencimento de Reichenbach ao movimento do Cinema Marginal, enquanto o elo que dá continuidade à Mostra de Eugénio Puppó. Contudo, pontua que a associação entre o cineasta e o movimento do cinema marginal é só em parte verdadeira. Reichenbach surgiu, realmente, em meio às produções da Boca do Lixo em São Paulo. Porém, diferente de outros cineastas identificados com o movimento, como Rogério Sganzerla ou Júlio Bressane, que persistiram na linguagem experimental, Reichenbach avançou por outros caminhos logo no início da década de 1970.

Uma vez estabelecida, a proposta de uma exposição completa das obras de um cineasta é, normalmente, um desafio. Podemos destacar a importância da ligação do Doclisboa com a Cinemateca Portuguesa, que foi muito além do empréstimo das suas salas para exibição de filmes. Segundo Joana Sousa, a Cinemateca teve um papel crucial como canal de comunicação com as outras instituições ao redor do mundo, dado o seu pertencimento à Federação Internacional de Arquivos Fílmicos (FIAF). Esta rede internacional de instituições dedicadas à preservação de filmes acabou por ajudar a curadora a estabelecer a interlocução e colaboração

⁵ Entrevista da autora a Joana Sousa, Lisboa, outubro de 2022.

com a Cinemateca Brasileira, a Cinemateca Francesa, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Canal Brasil, que armazenavam alguns dos filmes.

A questão da localização dos filmes e das pessoas que dariam autorização para sua exibição é um desafio na realização de uma Mostra. Para além da dispersão dos filmes por instituições diversas, a minha entrevistada mencionou os entraves causados pela desatualização das listas de contato dos detentores de direitos dentro da Cinemateca Brasileira. O estado de precariedade que a gestão das instituições públicas dedicadas à cultura veio a atingir durante o governo de Jair Bolsonaro foi o que provavelmente gerou essa situação.

Partindo deste breve contexto, julgo estarmos em condições de refletir sobre o processo de curadoria e o espaço e as relações que esta retrospectiva mantém com a restante programação do festival Doclisboa. Interessa-me, em primeiro lugar, elaborar a visão curatorial que sugere a interlocução entre o ficcional e o documental. Qual o propósito de incluir filmes ficcionais num festival dedicado sobretudo ao documentário? Sousa replica: “Temos muita ficção no festival. Nós trabalhamos inclusivamente com vários autores, também com retrospectivas integrais, que trabalhavam muito a ficção. Por exemplo, tivemos a Vera Chytilova, realizadora tcheca”.⁶ A retrospectiva a que a curadora se refere aconteceu no 15.º Doclisboa, em 2015; a sua inclusão no Doclisboa se deu pela percepção de que os filmes de Chytilova destacavam criticamente o papel da mulher e a sua emancipação na sociedade decadente do regime comunista. A conexão de filmes ficcionais com o real do documentário deu-se, portanto, neste caso, pela forma incisiva crítica pela qual a autora-cineasta se colocou em diálogo com as dimensões social, política e cultural que nos mostra o contexto de uma verdade trazida pelo documentário.

A obra de Reichenbach é também interpretada por essa perspectiva, como tendo representado a realidade da periferia de São Paulo de maneira quase documental. Ao fazer esse retrato, o realizador brasileiro demonstra conhecer bem aquelas pessoas, aquela gente, aquela realidade, aquele lugar. Nas obras *Falsa loura* (2007) e *Garotas do ABC* (2003), por exemplo, ele adentra o cotidiano, o pensamento e as fantasias das personagens, seus sonhos de mulheres periféricas,

⁶ Entrevista da autora a Joana Sousa, Lisboa, outubro de 2022.

revelando os imaginários construídos a partir desses contextos sociais de maneira literal. No filme *Falsa loura*, Reichenbach constrói a relação da protagonista Silmara com o universo fantástico de celebridades televisivas, encarnado pelos atores Maurício Mattar e Cauã Reymond, que se representam a si mesmos enquanto ídolos da protagonista. Mas a condição de Reichenbach como um cronista de seu tempo é complexa e difere da proposta estética da escola neorrealista. Ao longo da sua obra, é possível notar, em muitos momentos, traços do fantástico e do absurdo, provenientes de outras escolas cinematográficas. Os filmes de terror de Zé Mojica Marins, o conhecido Zé do Caixão, aparecem como referência mais evidente. No filme *Falsa loura*, por exemplo, a protagonista Silmara é objeto do olhar de terror e desejo de uma personagem infantil, o que contraria a representação da criança como um agente da inocência, talvez mais própria do realismo.

Nesse contexto de uma segunda leitura das obras, a opção de incluir obras de ficção num festival que se dedica sobretudo ao filme documental acaba por trazer um formato de curadoria onde a retrospectiva “Carlos Reichenbach” se justapõe à retrospectiva “A Questão Colonial”, sem ter por base um universo ou uma linguagem semelhante. Sousa concorda com a existência dessa diversidade, mas chama atenção para o fato de que “A Questão Colonial” foi composta por filmes de realizadores que estavam envolvidos na construção de obras cinematográficas próprias de contextos nacionais recém-emancipados. Apesar de estar num contexto diferente, Reichenbach também estava envolvido num movimento semelhante de uma procura estética e de uma reconfiguração do que era cinema, diante das tensões sociais e políticas que o rodeavam. Discordo de Sousa a este respeito. A meu ver, apesar de Reichenbach ter iniciado sua trajetória no mesmo momento desses filmes que abordam a questão colonial, a obra do diretor brasileiro era uma resposta ao conteúdo e à estética do Cinema Novo. Identificado inicialmente com o Cinema Marginal, o realizador representava em seus filmes a cidade de São Paulo em oposição à cidade do Rio de Janeiro, onde residia o grupo cinemanovista.

A curadoria do 20.º Doclisboa propõe e assume, assim, a interlocução entre filmes de dois universos algo distantes, mas que teriam sido produzidos a partir de gestos semelhantes. Sendo a curadoria um trabalho de conferir novas possibilidades de interpretação às obras, de pô-las em interlocução com outras cuja relação não é sempre imediatamente óbvia, creio que o exercício proposto pela programadora

e pelo festival acaba por fazer sentido, já que a retrospectiva de Carlos Reichenbach consegue, no seu conjunto, evidenciar os aspectos políticos e documentais da obra deste cineasta. Acredito que se ganhou um novo olhar sobre as experimentações formais de Reichenbach e do seu recurso à fantasia como tentativa uma linguagem apropriada condizente com o seu tempo e capaz de retratar, fugindo das armadilhas da linguagem realista, as subjetividades marginalizadas que compõem a vida da cidade de São Paulo.

Filmografia

Falsa loura [longa-metragem, película]. Dir. Carlos Reichenbach. Brasil, 2007. 105min.

Garotas do ABC [longa-metragem, película]. Dir. Carlos Reichenbach. Brasil, 2003. 130min.

At the Crossroads of the Fictional and the Real: The Carlos Reichenbach Retrospective at Doclisboa

ABSTRACT The 20th edition of Doclisboa International Film Festival (2022) showcased a complete retrospective of the work of Carlos Reichenbach. In this review, I reflect on this curatorial proposal, based on an interview with the festival's curator and my own experience in film research and curatorship.

KEYWORDS Film curatorship; Brazilian Marginal Cinema; documentary; fiction; Carlos Reichenbach.